

O debate sobre Transformação Militar: o caso da força terrestre da Rússia e os reflexos para seu Complexo Industrial Militar

Peterson Ferreira da Silva*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar o debate sobre transformação militar na Rússia, focando nas conseqüências para sua força terrestre e levantando possíveis reflexos para seu complexo industrial militar. Assim, este artigo aborda o contexto das reformas em sua estrutura de defesa realizada especialmente após 2008 e o quadro geopolítico recente do envolvimento da Rússia nas crises da Criméia e da Síria, bem como algumas conseqüências dos planos de equipamento para a sua indústria de defesa. Esta breve análise possibilita apontar a relevância para o caso russo das mudanças organizacionais tomadas paralelamente a investimentos em áreas chave, além dos ensinamentos retirados de experiências reais de combate.

Palavras-chave: Transformação militar; Indústria de defesa; Rússia; reforma em defesa; Forças Armadas

ABSTRACT

The aim of this paper is to explore the debate regarding military transformation in Russia, focusing on the consequences for its ground force and for its military-industrial complex. Thus, this paper addresses the context of the reforms in its defense structure made especially after 2008 and the recent geopolitical framework of Russia's involvement in the Crimean and Syrian crises, as well as some consequences of the equipment plans for its defense industry. This brief analysis makes it possible to point out the relevance to the Russian case of organizational changes taken in parallel with investments in key areas, in addition to lessons learned from combat experiences.

Keywords: Military transformation; Defense industry; Russia; defense reform; Armed forces

* Doutor em Relações Internacionais (IRI-USP), professor do *campus* Brasília da Escola Superior de Guerra (ESG) e pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEx). Este artigo, assim como as ideias, informações e dados nele contidos expressam o pensamento de seu autor, sendo de sua inteira responsabilidade, não representando necessariamente a posição do Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra ou do Exército Brasileiro.

Sumário Executivo

- Com a necessidade de rever seu inchado aparato militar pós-Guerra Fria e, sobretudo, no contexto das lições aprendidas nos conflitos na Chechênia (anos 90) e na Geórgia (2008), as forças armadas russas passaram por uma ampla reforma, especialmente na gestão do ministro da Defesa Anatoliy Serdyukova, entre 2007 e 2012;
- A proporção relativa de oficiais foi diminuída, incluindo o número de oficiais gerais. Também foram implementados limites de idade para determinadas posições, padrões de capacitação física mais exigentes e regras mais claras para extensões tanto no serviço ativo quanto em outras posições passíveis de serem ocupadas por civis e militares inativos – facilitando, também, a remoção de oficiais gerais mais antigos e mais críticos em relação aos esforços de modernização em andamento. Ao mesmo tempo, as modificações na área de Pessoal abriram portas para lideranças mais jovens e inclinadas a mudanças nas forças armadas;
- Houve extinção de diversas unidades militares e redução do efetivo burocrático-administrativo, como, por exemplo, no Ministério da Defesa (de aproximadamente 12.000 para 5.000) e no Estado-Maior (de cerca de 10.500 para 3.500). Contudo, estima-se que a proporção de civis no Ministério da Defesa da Rússia pós-reformas tenha aumentado de 16% para 46% – o que certamente contribui para diminuir a quantidade de militares atuando em atividades ‘meio’, valorizando as atividades combatentes;
- Entre outras medidas, o “módulo brigada” foi reforçado, o sistema de reserva foi remodelado e a antiga estrutura de seis Distritos Militares foi substituída por quatro Comandos Regionais Conjuntos;
- Foi instituído um Programa de Equipamento reunindo recursos estimados na ordem de US\$ 700 bilhões ao longo de 10 anos (2011-2020), sendo que quase a metade desse montante está previsto para ser alocado nos segmentos naval e na aviação. O novo Plano (2018-2027), avaliado em US\$ 357 bilhões e contendo lições da Criméia e da Síria, contempla as forças terrestres com 25% do total previsto;
- É possível afirmar que a Rússia tem investido pesadamente em áreas como guerra eletrônica, cibernética, veículos autônomos, armas de precisão e sistemas de defesa antiaérea;
- Nos últimos anos, observam-se movimentos de significativa centralização decisória, possivelmente tendo em vista o aumento do controle político dos rumos do setor de defesa, especialmente no que se refere ao tema indústria de defesa;
- Desde 2008, o país tem mostrado vigor em repensar as antigas estruturas soviéticas e buscar a qualidade de seus investimentos em novos equipamentos (estimados entre 50 e 60% do total do seu orçamento militar) – contra 20% da meta adotada pelos países da OTAN no que se refere a recursos para equipamento.

Introdução

Nos anos 90, enquanto os Estados Unidos (EUA) demonstraram, em 1990-91, os pontos fortes de sua máquina militar na I Guerra do Golfo, a Rússia enfrentou, em 1996, uma humilhante derrota diante de separatistas chechenos. Tropas mal adestradas, compostas basicamente por jovens recrutas, apresentando problemas de disciplina e com equipamentos e táticas da Era Soviética, foram surpreendidas por rebeldes, agravando a imagem do então governo de Boris Yeltsin (RUSSIA'S HUMILIATION..., 1996).

Na década seguinte, países como EUA, Reino Unido, França e Alemanha concentravam atenção e esforços na Guerra Global ao Terror e em Operações de Contra Insurgência (COIN), no contexto dos ataques de 11/09, enquanto o governo de Vladimir Putin tomava, desde 1999, medidas para modernizar as suas forças armadas e reinserir a Rússia na cena internacional.

O envolvimento de Moscou em conflitos na Geórgia (2008), na Criméia (2014) e na Síria (2017), ao lado das disputas abrangendo a China nos mares da Ásia, mostrou ao Ocidente que as tensões militares convencionais de natureza interestatal não estavam esquecidas na agenda contemporânea da segurança internacional.

Ação e reação: a expansão da OTAN e a resposta russa

Sob a liderança de Vladimir Putin desde 1999, o governo russo observou a lenta expansão da Organização do Atlântico Norte (OTAN) sobre o que antes eram áreas de influência geopolítica nos tempos da União das Repúblicas Soviéticas (URSS). Na Geórgia, os episódios da eleição do presidente Saakashvili, em 2004, e do referendo não-oficial, em 2006, já tinham complicado as relações entre Geórgia e Rússia, quando, em abril de 2008, a OTAN ventilou a possibilidade de incorporar a Geórgia e a Ucrânia (NATO, 2008). Soma-se a isso

fatores como, por exemplo, (i) o estreitamento, ocorrido nos últimos anos, dos laços econômicos com a União Europeia; (ii) a importância estratégica da base naval russa na cidade de Sevastopol; e (iii) a questão dos gasodutos e das reservas de petróleo presentes na região.

Nos meses seguintes, tropas sem identificação ampliaram o controle de territórios nas regiões separatistas da Geórgia, culminando, em 7 de agosto, no avanço de colunas de carros de combate russos – tais passos seriam dados de forma similar na Criméia, em 2014 (SAKASHVILI, 2014).

Durante os cinco dias de conflito na Geórgia, os russos conseguiram demonstrar claros avanços em seu aparato militar ao longo da maior operação de combate fora de suas fronteiras tradicionais desde a ocupação soviética do Afeganistão nos anos 70.

Entretanto, algumas deficiências foram verificadas durante a curta ação, como, por exemplo, o abate de aeronaves militares por defesa antiaéreas da Geórgia, a baixa proteção oferecida por alguns veículos militares diante de ataques de armas de maior calibre, os problemas de coordenação entre força terrestre e força aérea, as lacunas de guerra eletrônica e as restrições de disponibilidade de mísseis guiados de precisão (*precision-guided missiles* – PGMs) (LOWE, 2008; EUA, 2017, p.12).

Para Pallin e Westerlund (2009), o desdobramento russo na Geórgia de aproximadamente 20.000 militares em poucos dias, ao lado do emprego de instrumentos diplomáticos e cibernéticos, foi bem distinto dos resultados obtidos nos anos 90, mas também apontaram vulnerabilidades, como na área de comando e controle, de guerra eletrônica e de armamentos de precisão.

Em 23 de fevereiro de 2014, o diretor do *Moscow Center* do *Carnegie Endowment for International Peace*, Dmitri Trenin, publicou um artigo, no jornal *The New York Times*, intitulado “Por que a Rússia não vai interferir”, elencando fatores que, em tese, desencorajaria uma aventura de Moscou

contra a Ucrânia. Entre os motivos destacados no referido artigo em direção a uma saída não bélica estava o risco de eclosão de uma guerra civil na já tensa fronteira russa:

Despite what some Ukrainians suspect, Moscow is unlikely to try bringing about the breakup of Ukraine in order to annex its southern and eastern parts. That would mean civil war next door, and Russia abhors the idea. Moscow's best option at this point is to stand back and wait, while quietly favoring decentralization in Ukraine (TRENIN, 2014).

Os “pequenos homens verdes” – parte 2

Assim como ocorrido, em 2008, na Geórgia, grupos armados e paramilitares se tornaram atores importantes na crise da Criméia. Em 27 de fevereiro, por exemplo, homens armados invadiram prédios chave de *Simferopol*, capital da região de maioria russa da Criméia, e içaram a bandeira russa no parlamento (UKRAINE: GUN MEN..., 2014). Homens uniformizados, usando balaclavas, falando russo, e bem equipados (com o mesmo armamento das forças armadas russas) ganharam cada vez mais espaço na mídia, sendo denominados de “pequenos homens verdes” (PIFER, 2014). Forças policiais e de segurança locais foram deslocadas da cena diante da zona cinzenta criada na mídia (local e internacional) e nas redes sociais, envolvendo uma amálgama de termos como “protestos violentos”, “ações de gangues”, “grupos de autodefesa”, “*politemen*” e “invasores russos” (SHEVCHENKO, 2014). Em março de 2014, o Parlamento Regional da Criméia aprovou uma moção solicitando à Federação Russa a anexação da região, reforçando a influência de Moscou e complicando ainda mais o tabuleiro geopolítico entre Ucrânia e Rússia (WALKER; TRAYNOR, 2014).

Transformação e/ou Guerra Híbrida?

Boatos, ataques cibernéticos, propagandas, ações diversionistas, gangues, discursos diplomáticos, tentativas de influenciar pleitos eleitorais e operações de guerra convencional, entre outros meios foram sintetizados no termo “guerra híbrida”, ganhando espaço, sobretudo, entre analistas, jornalistas, acadêmicos, políticos e militares. Fontes indicam que tal termo ficou mais conhecido no contexto das ações do grupo Hezbollah durante o conflito no Líbano de 2006, mas rapidamente se tornou, a partir de 2014, associado às ações russas na Ucrânia (PUYVELDE, 2015).

Entretanto, alguns analistas têm criticado a forma pela qual o termo guerra híbrida tem sido associado estritamente a ações da Rússia. Puyvelde (2015), por exemplo, destaca que:

There is no discussion that adversaries, past and present, have developed creative uses of the “full-spectrum” of warfare, including the use of regular and irregular tactics across all dimensions of war. Altogether this may well form a hybrid set of threats and strategy, but it is not clear why the term “hybrid” should be used, beside its mere descriptive value.

Na mesma linha, Kofman e Rojansky (2015, p. 2), reforçam que a combinação das dimensões convencional, política, irregular e informacional da guerra não é nada novo:

The first part of the misconception around “hybrid war” is the term itself. Despite sounding new and in vogue, its analytical utility is limited. The “hybrid” aspect of the term simply denotes a combination of previously defined types of warfare, whether conventional, irregular, political or information.

É possível afirmar, nesse quadro, que o discurso de “guerra híbrida” pode ser visualizado como parte de um processo mais

abrangente e profundo de transformação militar realizado por parte da Rússia nos últimos anos. Em outras palavras, torna-se interessante observar como o debate sobre transformação militar tomou forma em Moscou tendo como pano de fundo o objetivo de contrabalançar especificamente os movimentos feitos pelas principais potenciais ocidentais, especialmente no que se refere aos EUA.

Mais do que apenas aumento de recursos: as reformas no aparato de defesa russo

Embora várias medidas tenham ganhado forma para atualizar a máquina militar russa após o colapso da URSS e, especialmente, após a ascensão, em 1999, de Putin, é possível afirmar que a mais relevante delas foi o programa “*New Look*”, iniciado em 2008 (EUA, 2017, p. 13; GILES, 2017, p. 1).

O massivo Exército Russo de cinco milhões de soldados e baseado na conscrição passou, na década de 90, para cerca de 1.13 milhões, um caminho trilhado por meio de resistências castrenses, incluindo a tentativa de implementação do sistema profissional (*all volunteer force*) (BARTLES, 2011, p. 56).

Com Anatoliy Serdyukova à frente do Ministério da Defesa, entre 2007-2012, as reformas nas Forças Armadas Russas ganharam novo ímpeto. Segundo Bartles (2011, p. 61-62), uma das prioridades do novo ministro foi a área de Pessoal, diminuindo, por exemplo, a proporção relativa de oficiais. A Rússia naquele período detinha quase 1,3 milhões militares em suas forças armadas, sendo cerca de 30% oficiais e com 1.107 oficiais generais, uma proporção de 120 para 1 (Ibid., p. 64).

Assim, foram implantados, por exemplo, limites de idade para posições nas fileiras militares, padrões de capacitação física mais rigorosos e regras mais claras para extensões no serviço ativo e em outras posições passíveis de serem ocupadas por

militares inativos e civis. Isso também facilitou a remoção de generais mais antigos e mais críticos a reformas, abrindo as portas para lideranças mais jovens e inclinadas a mudanças (Ibid., p. 63-64).

Também houve esforços para otimizar o Ministério da Defesa, cortando o número de unidades militares, assim como criando e reorganizando áreas e posições, especialmente tendo em vista o quadro russo marcado por casos de corrupção, desperdício e influência das diferentes forças (*branches*):

These reforms would come at the expense of individual branches of service that had previously managed these functions, in varying degrees. It was likely enacted to stymie some of the corruption and graft that exist in the lucrative fields of military sales and construction (at all levels) that have resulted in some sensation all headlines in the last few years (BARTLES, 2011, p. 65).

O intuito de Serdiuko vinclua enxugar, até 2012, o número de pessoas no Ministério da Defesa, de 11.920 para 5.000, e no Estado-Maior, de 10.523 para 3.500. No entanto, estima-se que a proporção de civis no Ministério tenha aumentado pós-reforma de 16% para 46% (CARLSSON, 2012, p. 12).

Serdyukov, entre outras medidas, reforçou o foco no módulo brigada, e remodelou o sistema de reserva, incluindo a criação de quatro Comandos Regionais Conjuntos (*Joint Regional Commands*), substituindo o arcabouço original dos seis Distritos Militares e forçando a integração entre as diferentes forças singulares (BARTLES, 2011, p. 75).

Esse conjunto de reestruturações abriu caminho (e recursos) para programas de reequipamento, conforme explicitado pelo próprio Serdyukov em uma entrevista ao periódico Spiegel:

Serdyukov: Most of all, we have a serious imbalance: too many officers and too few non-commissioned officers and

ordinary soldiers. There was one officer for every soldier. In European armies, officers make up between nine and 16 percent of the whole. In addition, some units were not ready for action and had to be augmented first in the event of a conflict. We've changed that now. The second task is to re-equip the military, and that's what we need the 20 billion rubles for (MASCOLO; NEEF; SCHEPP, 2010).

Quando sua demissão foi divulgada, em 2012, em meio a um escândalo de corrupção (ou seja, curiosamente o mesmo mal que se propôs a combater), as reformas no aparato de defesa russo tinham alcançado níveis de amplitude e de profundidade bem distintos das iniciativas tomadas anteriormente desde a queda do Muro de Berlim (REFORM AND BE..., 2012). De acordo com Hedenskog e Pallin (2013, p. 90-91, grifo nosso), a reforma de Serdyukov pode ser resumida em três eixos:

1) The organisation: a) the Ministry – reforming the ministry to enhance management and procurement, stamping out corruption and curbing opposition to the reforms; b) the Armed Forces – establishing the Armed Forces as a fighting force in a state of permanent readiness, suitable for both massive engagement and local operations;

2) The personnel: a) securing the manning of the Armed Forces, both by means of conscription and by enlisting contract soldiers; b) improving the prestige and professionalism of the personnel, capable to operate under the conditions of modern, high-tech warfare;

3) The hardware: a) equipping the Armed Forces armed with state-of-the-art weaponry and equipment through cost-efficient procurement.

GPV 2020, o GPV 2027 e a força terrestre russa

No contexto do processo de transformação iniciado em 2008, o “Programa de Armamento do Estado” (*gosudarstvennaiaprogrammavooruzheniia – StateArmamentsProgram - GPV 2011-2020*), aprovado em 2010, definiu um grande plano de aquisições no valor de aproximadamente \$ 700 bilhões em 10 anos. O GPV 2020 buscava dar um salto da proporção de 15% de equipamentos modernos nas Forças Armadas Russas, em 2010, para 70%, em 2020 (CONNOLLY; BOULÈGUE, 2018, p. 5).

O montante total do GPV 2020 destinado ao Ministério da Defesa foi dividido entre diversas áreas. Estima-se que o segmento naval recebeu a maior proporção dos investimentos (cerca de 26%), seguido da aviação (aproximadamente 25%), da defesa aérea e espacial (em torno de 18%), da força terrestre (cerca de 14%), da força estratégica de mísseis nucleares (quase 5%) e de outras áreas, como sistemas de comunicações e controle (cerca de 13%) (Ibid., p.6).

Entretanto, no ‘meio do caminho’ do plano houve a crise da Criméia (2014), a recessão russa (2015-16) e o envolvimento na Síria (2017). Com maiores restrições orçamentárias no horizonte e com experiências reais de combate, alguns ‘nichos de capacidades’ receberam maior atenção, como os associados a capacidades anti-acesso e de negação de área (*Anti-Access/Area Denial – A2/AD*).

Exercícios frequentes abrangendo o desdobramento de forças em larga-escala e por grandes distâncias trouxeram ensinamentos logísticos importantes ao lado das operações realizadas na Ucrânia e na Síria. Visando a maximizar a exposição da tropa perante situações reais de combate, rodízios curtos de 3-4 meses se tornaram mais frequentes.

O teatro de operações da Ucrânia ofereceu a possibilidade de experiências mais ‘convencionais’, isto é, compreendendo o

emprego de viaturas de transporte de tropas, carros de combate, blindagens reativas e *drones*. Paralelamente, na Síria, foi possível visualizar o emprego russo de mísseis de cruzeiro, de guerra eletrônica, bem como o aperfeiçoamento da coordenação entre forças em terra – tudo em um ambiente geograficamente próximo de membros da OTAN e de países como Israel (GILES, 2017, p. 3).

Assinado em fevereiro de 2018, o novo *State Armaments Programme* (GPV 2018-27) indica cerca de US\$ 357 bilhões para serem distribuídos ao longo de dez anos, enfatizando o desenvolvimento de novos sistemas nucleares, bem como de armamentos de precisão aeroespaciais e terrestres (JONES; CAFFREY, 2018).

Certamente, as experiências operacionais, desde 2014, foram decisivas para que as forças terrestres russas recebessem no novo Plano quase 25% dos recursos. Embora a lógica soviética de “quantidade sobre qualidade” ainda seja uma marca presente, as forças terrestres russas sob o GPV 2027 certamente serão mais móveis, ágeis e com maiores soluções em termos de precisão de fogo, incluindo a artilharia (CONNOLY; BOULÈGUE, 2018, p. 23).

Acostumadas a atuar nos últimos dez anos sem competidores no campo da guerra eletrônica, as forças ocidentais se surpreenderam com as novas capacidades russas exibidas em episódios na Síria e na Ucrânia (MCLEARY, 2015). Outras áreas exploradas pelos russos nos últimos anos incluem os campos da cibernética e de sistemas de proteção ativa, assim como o intenso uso de *drones* como meios de reconhecimento, de aquisição de alvos, de coleta de inteligência e de operações informacionais:

Ukrainian UAV operators have found that launching their drones is a hazardous operation and requires stringent precautions to avoid inviting Russian sniper or artillery targeting (GILES, 2017, p. 6).

Sob a GPV 2027, são esperados investimentos na modernização (ex. T-72, T-80 e T-90) e na aquisição de novos carros de combate (ex. T-14 *Armata*). Veículos de infantaria blindados (*Infantry Fighting Vehicles* – IFVs) também estão previstos para serem modernizados (ex. BMP-2 e BMD-2), assim como a aquisição de uma nova família (ex. Kurganets-25) (GILES, 2017, p. 24; FEDIUSHKO, 2018). A artilharia também pode receber incrementos importantes em termos de armas de precisão, de lançadores múltiplos de foguetes e de sistemas de maior calibre, combinados com o intenso emprego de *drones*:

GPV 2027 will undoubtedly emphasize improving artillery fire solutions, digitalized fire direction, and target-acquisition capabilities. The goal is to achieve a joint automated control system for reconnaissance and strike. This is why the Ministry of Defence considers the procurement of ISTAR (‘intelligence, surveillance, target acquisition and reconnaissance’) UAVs for artillery brigades a priority (CONNOLY; BOULÈGUE, 2018, p. 25).

Por fim, dentro do contexto de capacidades A2/AD, “sistemas de defesa aérea são a pedra angular da abordagem russa para a guerra moderna” (Ibid., p. 26). Redes compostas por sistema de baixa, média e alta altura poderão representar um grande desafio para quaisquer forças aéreas modernas, praticamente colocando em risco plataformas convencionais sem tecnologias furtivas aos radares (GILES, 2017, p. 7).

Reflexos para o seu Complexo Industrial de Defesa

De acordo com Connoly e Sendstad (2016, p. 13), o progresso russo em direção à modernização de suas forças armadas com equipamentos modernos se desenvolveu razoavelmente bem sob os dez anos do GPV 2020, embora a meta de 70% de novos equipamentos possa ser considerada

“exagerada e baseada em contabilidade criativa”. A injeção de recursos governamentais não significou o fim dos problemas do complexo-industrial de defesa russo, sobretudo em um contexto econômico fragilizado, como, por exemplo, o envelhecimento de sua mão-de-obra qualificada, a necessidade de consolidação das numerosas pequenas empresas em determinados segmentos da sua indústria de defesa e um sistema de inovação que dificilmente será capaz de competir na fronteira tecnológica da defesa.

Entretanto, ainda conforme os mesmos autores, é interessante notar que, mesmo diante das limitações e disparidades tecnológicas perante os EUA, ou outros países da OTAN, a Rússia conseguiu capacidades industriais e margens de autonomia tecnológica para produzir armamentos com qualidade suficiente para suprir seus objetivos estratégicos:

Finally, it is also worth considering that, although Russia may not yet be able to produce the types of advanced weaponry produced by the United States, its current productive capabilities mean that it has an independent defense-industrial base that can produce weaponry that is of sufficient quality to support the Russian state in its pursuit of its strategic objectives, such as dominance of Russia’s “near abroad,” an ability to engage in expeditionary warfare beyond Russia’s immediate borders, and deterrence of other larger potential adversaries (e.g., NATO, China) (CONNOLLY; SENDSTAD, 2016, p. 13-14).

Algumas das medidas tomadas na gestão Serdyukov foram revertidas nos anos posteriores. O processo de fortalecimento do *Federal Service for Defense Contracts (Rosoboronzakaz)*, criado em 2004 (BARTLES, 2011, p. 66), e o estabelecimento, em 2008, da *Federal Agency for the Supply of Armaments, Military and Special Equipment (Rosoboronpostavka)*, tomaram novo rumo quando, em setembro de

2014, as duas instituições foram extintas por Putin e Medvedev (RÚSSIA, 2014a).

No mesmo mês, Putin anunciou que lideraria pessoalmente a *Military-Industrial Commission*, criada em 2006, coordenando esforços, sobretudo, do Ministério da Defesa, Forças Armadas e o complexo-industrial de defesa (RÚSSIA, 2014b). Segundo analistas, esse movimento fez parte de um esforço mais amplo de aumentar o controle político dos rumos do setor de defesa, equilibrando tensões entre o segmento privado e o Ministério da Defesa, no contexto da crise da Crimeia, do subsequente corte de laços com empresas ucranianas, assim como no âmbito do andamento do plano de equipamento GPV 2020 (STRATFOR, 2014; PUTIN, MEDVEDEV AGREE..., 2014).

Salienta-se, também, que há notícias de que equipes formadas por especialistas e técnicos de empresas russas foram enviadas para a Síria e Ucrânia, atuando ao lado das forças armadas, a fim de testarem novos armamentos em situações de combate, assim como executarem reparos e atividades de suporte diretamente no campo de batalha. É possível afirmar que esse tipo de aproximação entre indústria e forças armadas busca, de um lado, garantir melhor desempenho operacional para os militares e, de outro lado, promover os produtos de defesa russos “testados em combate”, auxiliando as campanhas de exportações da *Rosoboronnexport* (MIROVALEV, 2016; CONNOLLY; BOULÈGUE, 2018, p. 28).

A Rússia foi considerada, em 2018, a 11ª economia do globo (BANCO MUNDIAL, 2018). Contudo, segundo dados levantados por pesquisadores do SIPRI, o país ocupou, em 2017, a quarta posição no mundo em termos de gastos militares, totalizando US\$ 66,3 bilhões (cerca de 4,3% do PIB), atrás apenas de EUA (US\$ 610 bilhões, 3,1% do seu PIB), da China (cerca de US\$ 228 bilhões, aproximadamente 1,9% do seu PIB) e da Arábia Saudita (em torno de US\$ 69,4 bilhões, cerca de 10% do seu PIB) (FLEURANT et al., 2018, p.2).

Mesmo diante de dificuldades em manter o patamar atual de gastos militares, a Rússia tem mostrado, desde 2008, vigor em repensar as antigas estruturas soviéticas e buscar a qualidade de seus investimentos em novas aquisições, os quais, conforme dados disponibilizados publicamente, variariam entre 50 e 60% do total do seu orçamento militar (RÚSSIA, 2017; TIGNER, 2018) – em contraste, por exemplo, aos 20% da meta adotada por membros da OTAN no que se refere a Equipamento.

Considerações Finais

Este trabalho buscou examinar o debate sobre ‘transformação militar’ na Rússia, ou seja, o país que, recorrentemente, é considerado como um parâmetro para as potenciais ameaças interestatais para forças armadas de países da OTAN, como EUA e Reino Unido. Mais especificamente, este breve ensaio tentou focar nas consequências desse debate sobre transformação para a força terrestre russa e também levantou possíveis reflexos para seu complexo industrial de defesa.

Embora se reconheça que maiores esforços em termos de pesquisa sejam necessários, este sucinto estudo sobre o caso da Rússia permite apontar a relevância das

reformas estruturais, especialmente no âmbito do seu Ministério da Defesa, as quais precederam os dois grandes planos de investimentos voltados a reequipar e modernizar as Forças Armadas Russas.

O quadro geopolítico recente de envolvimento da Federação Russa nos conflitos da Geórgia, da Criméia e da Síria também pode ser elencado como fator importante, em função do possível foco oferecido pela situação de “urgência” e de reais ameaças delineadas na agenda política do governo de Putin a partir de então. Isso pode ajudar a explicar, por exemplo, os movimentos de centralização tomados, especialmente a partir de 2014, no que se refere aos temas de aquisições militares e indústria de defesa.

Combinados, o conjunto de reformas no aparato de defesa e os planos de reequipamentos lapidados por experiências reais de combate fornecem um esboço mais claro das reais bases da transformação militar em andamento na Rússia – abalando o senso comum de que incrementos em termos de capacidades militares foram originados somente por meio do aumento de gastos em defesa ao longo dos últimos anos.

Referências

- BANCO MUNDIAL. Gross domestic product 2017. World Development Indicators database, 1 July 2018. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/download/GDP.pdf>>. Acesso em: 10/08/2018.
- BARTLES, Charles K. Defense Reforms of Russian Defense Minister Anatolii Serdyukov. *Journal of Slavic Military Studies*, 24: 55-80, 2011. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13518046.2011.549038>>. Acesso em: 25/08/2018.
- CARLSSON, Märta. The structure of power – an insight into the Russian Ministry of Defence. FOI, November, 2012. Disponível em: <www.foi.se>. Acesso em: 22/08/2018.
- CONNOLLY, Richard; BOULÈGUE, Mathieu. Russia’s New State Armament Programme: Implications for the Russian Armed Forces and Military Capabilities to 2027. Chatham House, Russia and Eurasia Programme, May 10, 2018. Disponível em:

<<https://www.chathamhouse.org/publication/russia-s-new-state-armament-programme-implications-russian-armed-forces-and-military>>. Acesso em: 24/08/2018.

CONNOLLY, Richard; SENDSTAD, Cecilie. Russian rearmament: an assessment of defense-industrial performance. *Problems of Post-Communism*, October, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/10758216.2016.1236668>>. Acesso em: 24/08/2018.

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. DIA – DEFENSE INTELLIGENCE AGENCY. Russia Military Power – Building a military to support great power aspirations. June 23, 2017. Disponível em: <<https://publicintelligence.net/dia-russia-military-power-2017/>>. Acesso em: 24/08/2018.

FEDIUSHKO, Dmitry. Russian military to receive Kurganets-25 IFV in 2019. *Jane's 360*, 11 July 2018. Disponível em: <<https://www.janes.com/article/81694/russian-military-to-receive-kurganets-25-ifv-in-2019>>. Acesso em: 25/08/2018.

FLEURANT, Aude; WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T.; TIAN, Nan; KULMOVA, Alexandra. Trends in World Military Expenditure, 2017. SIPRI Fact Sheet, May 2018. Disponível em: <https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-05/sipri_fs_1805_milex_2017.pdf>. Acesso em: 12/08/2018.

GILES, Keir. Assessing Russia's Reorganized and Rearmed Military. Carnegie Endowment for International Peace, May 03, 2017. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2017/05/03/assessing-russia-s-reorganized-and-rearmed-military-pub-69853>>. Acesso em: 24/08/2018.

HEDENSKOG, Jakob; PALLIN, Carolina Vendil (eds). Russian Military Capability in a Ten-Year Perspective – 2013. FOI, December, 2013. Disponível em: <<https://www.foi.se>>. Acesso em: 25/08/2018.

JONES, Bruce; CAFFREY, Craig. Putin signs new State Armaments Programme. *Jane's 360*, February 28, 2018. <<https://www.janes.com/article/78235/putin-signs-new-state-armaments-programme>>. Acesso em: 22/08/2018.

KOFMAN, Michael; ROJANSKY, Matthew. A closer look at Russia's 'Hybrid War'. Wilson Center, Kennan Institute - Kennan Cable, nº 7, April 2015. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/7-KENNAN%20CABLE-ROJANSKY%20KOFMAN.pdf>>. Acesso em: 24/08/2018.

LOWE, Christian. Georgia war shows Russian army Strong but flawed. Reuters, August 20, 2008. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-georgia-ossetia-military/georgia-war-shows-russian-army-strong-but-flawed-idUSLK23804020080820>>. Acesso em: 24/08/2018.

MASCOLO, Georg; NEEF, Christian, SCHEPP, Matthias. SPIEGEL interview with Russia's Defense Minister – Moscow wants to 'participate as an equal partner'. Spiegel Online, October 27, 2010. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/spiegel-interview-with-russia-s-defense-minister-moscow-wants-to-participate-as-an-equal-partner-a-725231-2.html>>. Acesso em: 22/08/2018.

MCLEARY, Paul. Russia's winning the electronic war. *Foreign Policy*, October 21, 2015. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2015/10/21/russia-winning-the-electronic-war/>>. Acesso em: 25/08/2018.

MIROVALEV, Mansur. Syria's war: a showroom for Russian arms sales. Al Jazeera, April 6, 2016. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2016/04/syria-war-showroom-russian-arms-sales-160406135130398.html>>. Acesso em: 21/08/2018.

NATO – North Atlantic Treaty Organization. NATO decisions on open-door policy. April 3, 2008. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/update/2008/04-april/e0403h.html>>. Acesso em: 24/08/2008.

PALLIN, Carolina Vendil; WESTERLUND, Fredrik. Russia's war in Georgia: lessons and consequences. Small Wars & Insurgencies, vol. 20, nº 2, June 2009, p. 400-423. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09592310902975539>>. Acesso em: 24/08/2018.

PIFER, Steve. Watch out for Little Green Men. Spiegel Online, July 07, 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-26364891>>. Acesso em: 24/08/2018.

PUTIN, Medvedev agree to abolish state defense order agency. RT, September 8, 2014. Disponível em: <<https://www.rt.com/politics/185956-russia-arms-agency-abolition/>>. Acesso em: 27/08/2018.

PUYVELDE, Damien Van. Hybrid war – does it even exist? NATO Review Magazine, 2015. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/2015/also-in-2015/hybrid-modern-future-warfare-russia-ukraine/en/index.htm>>. Acesso em: 24/08/2018.

REFORM and be sacked. THE ECONOMIST, November 10th, 2012. Disponível em: <<https://www.economist.com/europe/2012/11/10/reform-and-be-sacked>>. Acesso em: 25/08/2018.

RÚSSIA. Official Internet Resources of the President of Russia. Executive order abolishing Rosoboronpostavka and Rosobonzakavsigned. September 8, 2014 (a). Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/president/news/46576>>. Acesso em: 27/08/2018.

RÚSSIA. Official Internet Resources of the President of Russia. Expanded meeting of the Defence Ministry Board. December 22, 2017. Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/councils/by-council/41/46589>>. Acesso em: 27/08/2018.

RÚSSIA. Official Internet Resources of the President of Russia. Meeting on drafting the 2016-2025 State Armament Programme. September 10, 2014 (b). Disponível em: <<http://en.kremlin.ru/events/councils/by-council/41/46589>>. Acesso em: 27/08/2018.

RUSSIA's humiliation in Chechnya. THE NEW YORK TIMES. August 15, 1996 (archives). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1996/08/15/opinion/russia-s-humiliation-in-chechnya.html>>. Acesso em: 25/08/2018.

SAAKASHVILI, Mikheil. Let Georgia be a lesson for what will happen to Ukraine. The Guardian, 14 March, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/14/georgia-lesson-for-ukraine-crimea-referendum-trick>>. Acesso em: 24/08/2018.

SHEVCHENKO, Vitaly. 'Little green men' or 'Russian invaders'. BBC.com, March 11, 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-26532154>>. Acesso em: 24/08/2018.

STRATFOR. Putin takes greater control of Russia's defense sector. September 8, 2014. Disponível em: <<https://worldview.stratfor.com/article/putin-takes-greater-control-russias-defense-sector>>. Acesso em: 27/08/2018.

TIGNER, Brooks. Russia's 2017 defence spending cut is not what it seems. Atlantic Council, May 9, 2018. Disponível em: <<http://www.atlanticcouncil.org/blogs/new-atlanticist/russia-s-2017-defense-spending-cut-is-not-what-it-seems>>. Acesso em: 27/08/2018.

TRENIN, Dmitri. Why Russia won't interfere. The New York Times, February 23, 2014. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/02/24/opinion/why-russia-wont-interfere.html>>. Acesso em: 24/08/2018.

UKRAINE: gun men seize Crimea government buildings. BBC, 27 February, 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-26364891>>. Acesso em: 24/08/2018.

WALKER, Shaun; TRAYNOR, Ian. Ukraine crisis: Crime now part of Russia, local parliament declares. The Guardian, March 6, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/mar/06/ukraine-crisis-crimea-part-of-russia-local-parliament-declares>>. Acesso em: 24/08/2018.